

CUIDADOS PRESTADOS AO PACIENTE COM TRAUMATISMO RAQUIMEDULAR: UMA AVALIAÇÃO DOS ENFERMEIROS

Andressa Candida de Jesus¹; Nivea Christina de Mendonça Costa²

INTRODUÇÃO

O trauma raquimedular (TRM) é descrito como a lesão decorrente de causa externa que acomete qualquer componente da coluna vertebral. É um agravo à saúde que acomete, em sua maioria, indivíduos economicamente ativos, do sexo masculino, decorrente de violências¹.

Avaliar o conhecimento dos enfermeiros contribui para a implementação de medidas e programas de educação em saúde, sobretudo, no caso de agravos de grande impacto, como é a situação do TRM. Os traumas atingem, principalmente, a população economicamente ativa no Brasil, abrangendo a faixa etária de 25 a 49 anos, intervalo este que representava 60,91% dos indivíduos em franca produtividade no ano de 2015. Essa abordagem reflete na padronização de cuidados específicos às vítimas de TRM, visando prevenir e tratar as inúmeras complicações associadas este evento traumático^{2,3}.

O TRM se trata de um evento traumático com alto impacto na vida das vítimas, transformando pessoas jovens e produtivas em dependentes que requerem décadas de cuidado especializado de alto custo, podendo resultar ainda em consequências físicas permanentes que também afetam a saúde mental e ao meio social em que estão inseridos os acometidos deste agravo².

Diante dos fatos, questionou-se o conhecimento dos enfermeiros sobre os cuidados específicos prestados ao paciente com TRM. Sendo assim,

OBJETIVOS

Este estudo objetivou analisar o perfil e o conhecimento dos enfermeiros quanto aos cuidados para esse agravo, identificar o perfil de formação educacional deles e identificar o nível de conhecimento relacionado ao paciente com TRM.

METODOLOGIA

¹ Enfermeira residente pela SES-GO, no programa de Residência Multiprofissional em Área da Saúde, com área de concentração em Urgência e Trauma, Goiânia, GO, Brasil. E-mail: andressa_de_jesus@hotmail.com

² Enfermeira Mestre pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Técnica da Coordenação de Educação em Vigilância em Saúde; Gerência de Projetos Educacionais em Saúde; Superintendência da Escola de Saúde de Goiás, SES-GO. E-mail: nivea.costa@goias.gov.br

Trata-se de um estudo transversal, exploratório e analítico realizado em um hospital terciário especializado em urgência e emergência, localizado em Goiânia, Goiás, Brasil. Foram incluídos enfermeiros que atuassem nos setores Unidade de Terapia Intensiva (UTI), Pronto Socorro, Enfermaria e Centro Cirúrgico da unidade, e excluídos aqueles que estivessem em período de experiência (menos de três meses), férias, licença maternidade/saúde e enfermeiros atuantes em gestão.

Após a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o aceite em fazer parte da pesquisa, a amostra foi obtida de forma online, através do Google Forms, onde os participantes (após receberem o link do formulário via e-mail e/ou aplicativo de mensagens) o acessaram e apontaram informações referentes à sua caracterização profissional. Em seguida, responderam a um instrumento de coleta de dados online, desenvolvido pela autora, com base em literatura específica ao tema proposto.

No instrumento haviam afirmações sobre movimentação/transporte, respiração/ventilação, higienização traqueobrônquica, incontinência vesical, lesão por pressão, dor crônica, disreflexia autonômica, hipotensão, espasticidade, anidrose, tromboembolismo, colar cervical, paraplegia, tetraplegia e cirurgia descompressiva. As alternativas de resposta para cada afirmativa eram: “Verdadeiro”, “Falso” ou “Não sei”.

Para avaliar o conhecimento dos enfermeiros, foram quantificados os acertos nas afirmações dispostas no formulário supracitado, categorizando-os com conhecimento insatisfatório (0 a 6 acertos), intermediário (7 a 11 acertos) ou satisfatório (12 a 15 acertos).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob nº CAAE – 41364620.4.0000.0033. Todos os sujeitos que atenderam os critérios de seleção concordaram em participar por meio do TCLE elaborado de acordo com as normas das Resoluções nº466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde^{4,5}.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 36 participantes, 88,89% eram do sexo feminino e 44,44% se encontram na faixa etária entre 30 a 39 anos. O tempo de atuação como enfermeiro concentrou-se no intervalo de até 10 anos, representado por 88,88% dos entrevistados. Quanto ao tempo de formação, 44,44% dos participantes marcaram o intervalo de 5 a 10 anos. Em se tratando de atuação na atual instituição, 94,44% disseram ter menos de 5 anos como colaboradores no hospital. Os profissionais que mais aderiram à pesquisa concentraram-se nos setores enfermaria e UTI, representando 77,77% dos participantes.

A amostra estudada é condizente com o perfil da enfermagem brasileira demonstrada por outros estudos com relação a sexo e faixa etária predominantes⁶. A categoria constitui-se essencialmente do sexo feminino quando se trata do cuidar, possivelmente, porque a prática de enfermagem teve início com mulheres em meados do século XIX⁷.

No que se refere à faixa etária, a maioria dos participantes da pesquisa encontram-se no intervalo entre 30 e 39 anos, sendo essa a etapa da vida em que os indivíduos estão enérgicos, com anseios de crescimento para transformar a realidade da vida pessoal e profissional⁸.

Do total da amostra, 94,44% citaram possuir alguma especialização profissional, destes 47,06% possuem mais de uma especialização. A área de conhecimento em Urgência e Emergência foi citada por 61,11% dos enfermeiros, Terapia Intensiva por 50,00%, e sequencialmente, 11,11% Enfermagem do Trabalho, 8,33% Centro Cirúrgico, 5,56% Nefrologia, 5,56% Saúde Pública, 2,78% Segurança do Paciente, 2,78% Auditoria e 2,78% Dermatologia.

Em concordância à quantidade de especializações citadas pelos profissionais do estudo, a literatura traz que os enfermeiros atualmente sentem a necessidade de desenvolverem seu conhecimento científico em busca de respostas aos problemas de saúde. Almejando alcançar a excelência na prestação de cuidados, voltam-se para a educação em saúde, que proporciona a ampliação dos conhecimentos, perspectivas de ultrapassar dificuldades e de conquistar maior autonomia da categoria⁹. Atualmente existem condições de saúde especialmente desafiadoras para a atuação do enfermeiro, são situações que implicam nessa constante atualização do conhecimento em saúde quando se refere a TRM¹⁰.

Em relação às repostas obtidas, 41,67% dos enfermeiros obtiveram avaliação de conhecimento satisfatório, 55,56% intermediário e 2,78% insatisfatório diante dos cuidados com vítimas de TRM. Tal resulta configura em um bom conhecimento, no geral. Este resultado contrapõe um estudo realizado no município de Natal, no Rio Grande do Norte, em 2009, que revela o despreparo dos profissionais enfermeiros para assistir às vítimas de TRM. O que leva a notar a evolução e atualização destes profissionais ao longo dos anos^{11,12}.

CONCLUSÕES

Foi identificado um bom conhecimento dos enfermeiros quanto aos cuidados com o paciente acometido por TRM no hospital/local de pesquisa. Por mais que houvessem questões que geraram dúvidas, o panorama geral indica qualidade nos cuidados a estes pacientes.

O viés que esta pesquisa apresentou concentra-se no método utilizado devido a condição sanitária vivida pela pandemia de COVID-19. Outro ponto a ser citado é a escassez de estudos semelhantes e referências mais atuais acerca do assunto.

Por se tratar de instrumento de avaliação de conhecimento criado com base em literatura específica ao tema proposto, pode-se sugerir a utilização do mesmo nos setores de instituições que atendam pacientes com TRM.

REFERÊNCIAS

1. Morais DF, Spotti AR, Cohen MI, Mussi SE, Neto JSM, Tognola WA. Perfil epidemiológico de pacientes com traumatismo raquimedular atendidos em hospital terciário. *Coluna/Columna* [Internet]. 2013;12(2):149–52.
2. Salvatico K, Lopes A, Davatz G. Atualização sobre a assistência de enfermagem aos pacientes com trauma raquimedular. *Revista Intersaúde*. 2020;1(2):2–15.
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Indicadores IBGE: pesquisa mensal de emprego. 2015. p. 1–29.
4. Ministério da Saúde. RESOLUÇÃO No 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Conselho Nacional de Saúde, 466 Brasil; Dec 12, 2012.
5. Ministério da Saúde. RESOLUÇÃO 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Conselho Nacional de Saúde, 510 Brasil; Apr 7, 2016.
6. Araújo MAN, Lunardi Filho WDD, Alvarenga MRM, Oliveira RD, Souza JC, Vidmantas S. Sociodemographic profile of nurses of the hospital network. *Journal of Nursing UFPE*. 2017;11(11):4716–25.
7. Machado MH, Aguiar Filho W, Lacerda WF, Oliveira E, Lemos W, Wermelinger M. Características gerais da enfermagem: o perfil sócio demográfico. *Enfermagem em Foco*. 2015; 7:9–14.
8. Tobias GC, Bezerra ALQ, Moreira IA, Paranaguá TTDB, Camargo AEB. Knowledge of nurses on the culture of patient safety in university hospital. *Journal of Nursing UFPE*. 2016;10(3):1071–9.
9. Miranda RS, Assis GM, Dornellas ACL, Messias AMB, Batista VT, Gomes JJ. Cateterismo intermitente limpo no paciente com lesão medular: conhecimento dos enfermeiros. *ESTIMA, Braz J Enterostomal Ther*. 2020;18:e0220.
10. Lomaz MB, Netto LAFS, Filho MSG, Alves AP, Canto FRT. Epidemiological profile of patients with traumatic spinla fracture. *Coluna/Columna*. 2017;16(3):224–7.
11. Marques F, Zagarra G, Pinto V. A aprendizagem baseada em problemas na formação superior de enfermagem e os contributos para o pensamento crítico dos enfermeiros. In: Mura S, editor. Livro de Actas (e-book). 1st ed. Beira, Moçambique: Universidade Católica de Moçambique; 2015. p. 134–43.
12. Cavalcante ES, Farias GM, Santos KN. Conhecimento da equipe de enfermagem no processo de cuidar às vítimas de traumatismo raquimedular. *Inter Science Place*. 2009;2(6):1–11.